

## MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS: UMA CRÍTICA DE ARTE DO SÉCULO

### XIX

Ana Cláudia de Moura Cabral<sup>1</sup>

#### Introdução

O presente artigo é um recorte oriundo da pesquisa que venho desenvolvendo para o meu Trabalho de Conclusão de Curso no Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Essa pesquisa foi fomentada inicialmente devido à notória ausência das mulheres na História da Arte tradicional. Praticamente não encontramos mulheres em nossos livros gerais de História da Arte<sup>2</sup>, e essa ausência de artistas mulheres ocorre tanto na historiografia mundial e, como não seria diferente, na historiografia da arte brasileira.

O meu principal interesse passou a ser, então, a investigação de mulheres artistas brasileiras que produziram antes do modernismo – digo isso, pois foi a partir desse movimento que passamos a ter conhecimento de alguns nomes de mulheres artistas amplamente conhecidos, como o de Tarsila do Amaral e Anita Malfatti. A minha curiosidade em saber por que praticamente não temos mulheres na História da Arte brasileira antes de Amaral e Malfatti, modificou-se para: quais eram as mulheres que produziam antes do modernismo? O que produziam? Como produziam? Qual o contexto social que essas artistas estavam inseridas?

Assim iniciei uma vasta busca em fontes primárias, principalmente em jornais e revistas, através da Hemeroteca Digital brasileira disponibilizada pela Fundação Biblioteca Nacional. Para essa pesquisa determinei o período que compreende as décadas finais do século XIX e a procura se deu principalmente por meio da palavra “amadora”<sup>3</sup> visto que era o termo utilizado neste íterim as mulheres que se dedicavam as artes.

Entre as diversas artistas encontradas, me deparei com o nome de Maria Clara da Cunha Santos. Tive certeza, nesse momento, que eu tinha em mãos o meu tema de pesquisa. Afirmando isso, pois além da sua participação como artista nas Exposições Gerais de Belas Artes do Rio de Janeiro, Maria Clara da Cunha Santos também se dedicou à escrita de críticas de arte, material que até então era praticamente inédito na produção feminina daquele período.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), graduanda em História da Arte.

<sup>2</sup> NOCHLIN, Linda. *Por que não houve grandes mulheres artistas?* São Paulo: Edições Aurora, 2016.

<sup>3</sup> SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. *Profissão Artista: Pintoras e Escultoras Acadêmicas Brasileiras*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2008.

### As críticas de arte de Maria Clara da Cunha Santos publicadas na revista *A Mensageira* entre 1897 e 1900

Maria Clara da Cunha Santos, gaúcha, da cidade de Pelotas, nasceu em dezoito de novembro do ano de 1866. Porém, ainda muito jovem, juntamente com sua família, mudou-se para o estado de Minas Gerais. A sua trajetória intelectual de caráter interdisciplinar, ao que tudo indica, começou muito cedo, em Minas Gerais, e prosseguiu muito ativa até o seu falecimento, na cidade do Rio de Janeiro, em 23 de outubro de 1911. Uma mulher que impressionava, e ainda impressiona, por possuir uma capacidade artística e intelectual amplamente variada. Maria Clara dedicou-se à pintura, à literatura – indo da poesia ao conto, da crítica ao jornalismo – e à música –, indo do instrumento ao canto.

No campo literário, entre contos e poesias, Maria Clara também se dedicou ao gênero crônica, o qual interagiu diretamente com o campo da Crítica de Arte e que nos interessa profundamente neste estudo. A principal fonte primária de seus escritos sobre arte e temas culturais de modo geral aqui utilizada é a revista literária *A Mensageira*: dedicada às mulheres brasileiras<sup>4</sup>, originalmente publicada de 1897 a 1900, que circulava na cidade de São Paulo. É válido mencionar que as ideias centrais desse periódico estavam vinculadas primordialmente ao engajamento na luta pelo direito de igualdade da mulher, pelo direito à educação, por espaço intelectual, entre outros. O objetivo principal da revista, que era o de fornecer espaço para a produção das mulheres intelectuais da época e levar até as demais o conhecimento, vinha acompanhado de diversas matérias que refletiam o posicionamento e a função da mulher na sociedade.

A coluna Seleção, por exemplo, que vinha normalmente mais próxima do final da publicação, apresentava diversos trechos de pensamentos que refletiam a condição social da mulher. Eram textos, excertos de livros, frases e pensamentos das mais variadas autorias. Abaixo tomamos alguns exemplos<sup>5</sup>:

Com as mãos sujas de carvão, na cozinha, accendendo o fogo para fazer o almoço do marido, cosendo-lhe a roupa, ammamentando os filhos, varrendo a casa ou enterpretando Chopin; pintando uma aquarella ou amarrando um bouquet, a mulher tem sempre a mesma poesia: a de trabalhar para ser agradável, util, bôa, para satisfazer uma necessidade moral ou intelectual do esposo e da familia, revelando-se amorosa e digna do doce e pesado encargo que a sociedade lhe destinou.

Julia Lopes de Almeida<sup>6</sup>

Quereis que vos diga a verdade?

Vós tendes, minhas senhoras, o direito e o dever de protestar.

<sup>4</sup> A *Mensageira* foi idealizada e dirigida por Presciliana Duarte de Almeida, prima e amiga íntima de Maria Clara, que desempenhou um papel importante na sua formação literária. A revista teve uma edição fac-similar editada no ano de 1987.

<sup>5</sup> A ortografia da época foi mantida em sua originalidade em todas as citações extraídas dos periódicos pesquisados.

<sup>6</sup> A *Mensageira*, *Do Livro das Noivas*, Ano I, n. I, p. 14, 15 de out. de 1897.

Porque sois as bellas filhas desta idade, que se illustrou por George Sand e Emilia Girardin, por Mme. de Steal e Harriet Stowe. Ainda mais: porque sois filhas desta magnifica terra da America – patria das utopias, - região creada para a realização de todos os sonhos da liberdade, - de toda extincção de preconceitos, de toda conquista moral.

A terra que realisou a emancipação dos homens, ha de realizar a emancipação da mulher.

Castro Alves<sup>7</sup>

O feminismo é a causa mais intuitivamente logica e mais importante para o aperfeiçoamento e engrandecimento da humanidade, que o seculo XIX leva á solução do seculo XX.

Guiomar Torrezão<sup>8</sup>

Podemos destacar também que o primeiro texto de cada publicação geralmente apresentava de modo aprofundado alguma discussão em torno da condição da mulher. Tomamos como exemplo, entre os diversos possíveis, alguns textos: *Falso encanto*<sup>9</sup>, de Maria Emilia, que discute a questão da educação da mulher; *A nossa condição*<sup>10</sup>, assinado com as iniciais M. P. C. D, que assinala a importância da instrução da mulher e a igualdade entre os sexos e teve continuidade em outras publicações da revista; *A primeira avançada*<sup>11</sup>, de Presciliana Duarte de Almeida, texto no qual a diretora da revista comenta sobre o engrandecimento e o avanço intelectual das mulheres após o primeiro ano de existência da *A Mensageira*; *Mme. Dreyfus*<sup>12</sup>, sem assinatura, que discorre sobre a personalidade forte da esposa do capitão Dreyfus<sup>13</sup> e posiciona-se a favor da inocência do capitão; por fim, *Com ares de chronica*<sup>14</sup>, também de Maria Emilia, que assinala o primeiro caso de uma mulher na tribuna judiciaria do Rio de Janeiro, grande conquista realizada pela Dra. Myrthes de Campos.

Por fim, ainda sobre a revista, é de muita valia destacar que ao longo de todas as publicações havia textos reflexivos sobre o papel da mulher na sociedade. Assim como foi mencionada a conquista da mulher no espaço jurídico, em diversas outras notas eram divulgadas as conquistas nas mais variadas áreas, como na ciência e na medicina, por exemplo. Além disso, é interessante ressaltar também que a revista trazia informações sobre as lutas e os avanços que as mulheres travavam em outros países, como o exemplar texto *O suffragio feminino em a Nova Zelandia*<sup>15</sup>, sobre o êxito em relação à luta pelo direito ao voto feminino.

<sup>7</sup> A Mensageira, *Carta às senhoras bahianas*, Ano I, n. 3, p. 45, 15 de nov. de 1897.

<sup>8</sup> A Mensageira, *Noticias do aparecimento da Mensageira*, Ano II, n. 36, p. 239, 15 de jan. de 1900.

<sup>9</sup> A Mensageira, Ano I, n. 2, 30 de out. de 1897.

<sup>10</sup> A Mensageira, Ano I, n. 4, 30 de nov. de 1897.

<sup>11</sup> A Mensageira, Ano I, n. 24, 30 de set. de 1897.

<sup>12</sup> A Mensageira, Ano II, n. 27, 15 de abr. de 1899.

<sup>13</sup> O caso Dreyfus foi um equívoco do judiciário francês culminando em um escândalo político, ocorrido na última década do século XIX. O oficial de artilharia do exército francês, de origem judaica, Alfred Dreyfus, foi acusado de vender segredos militares. Sua condenação pautou-se em documentos falsos. O escritor Emile Zola, redigiu uma carta aberta ao presidente francês, publicada no jornal *L'Aurore*, de Paris, acusando o exército de ter condenado um inocente de maneira deliberada. (SILVA, Cintia Rufino Franco. O caso Dreyfus, Émile Zola e a imprensa. Contemporâneos: Revista de Artes e Humanidades. Nº 11.

<sup>14</sup> A Mensageira, Ano II, n. 33, 15 de out. de 1899.

<sup>15</sup> A Mensageira, Ano I, n. 5, 15 de dez. de 1897.

Em *A Mensageira*, Santos colaborava periodicamente com a coluna de crônicas intitulada *Cartas do Rio*, na qual noticiava os mais variados acontecimentos da então capital do Brasil, o Rio de Janeiro. A escritora apresentava comentários e críticas sobre o cotidiano carioca, as festas, os progressos da cidade, alguns aspectos políticos e os mais variados acontecimentos culturais, destacando as exposições de Belas Artes, assunto primordial para nossa discussão e ao qual, portanto, dedicaremos toda a atenção.

Maria Clara, em sua crítica de 15 de novembro de 1897, discorre sobre a exposição da Escola ao ar livre, do mestre Parreiras. Santos ressalta neste texto os trabalhos de Alvaro Cautanheda. Sobre os seus trabalhos, ela salienta a realidade presente na pintura do artista. Outra questão interessante abordada é a relevância, para Maria Clara, da individualidade do artista. Percebemos este posicionamento quando ela comenta que “A maneira do Sr. Cautanheda interpretar a natureza é bem diversa da de seu professor. Assim é que eu compreendo o talento de um artista” e, continua, “abomino a rotina que entendia que o aluno seria a continuação do mestre! Cada um deve pintar como sente, como compreende e como vê a natureza – a grande mestra”<sup>16</sup>

Em 1898, Maria Clara visita a exposição de pintura do italiano Nicolau Agostino Facchinetti (1824-1900) e de Maria Agnelle Forneiro, que havia sido sua aluna. Podemos notar que Maria Clara, a partir da sua percepção íntima de gosto, aponta o que lhe impressionou positivamente na exposição e destaca a evolução dos trabalhos de Fachinetti. Santos ainda aponta alguns aspectos formais sobre a composição das paisagens, enaltecendo a perspectiva naturalista das composições.

Outra crítica muito interessante de Maria Clara, que merece nossa atenção, também datada de 1898, foi referente à Exposição de Arte retrospectiva, elaborada pelo Centro Artístico. Observemos que nessa crítica Maria Clara vai demasiadamente além de uma crítica puramente impressionista sobre alguma obra ou artista, ela expressa uma espécie de inconformidade com a atribuição superficial de julgamento de qualidade de uma obra a partir do *status quo* do artista, variando de acordo com o fato de o executor já possuir ou não reconhecimento, sem colocar em primeiro plano propriamente a apreciação e/ou análise da obra em si. A crítica trouxe exemplarmente um caso que presenciou nessa exposição, um juízo dirigido a um quadro do artista francês Étienne-Prosper Berne-Bellecour (1838-1910), que diz o seguinte:

[...]. Outro dia, na Exposição de Arte retrospectiva, brilhantemente organizada pelo Centro Artístico, contemplava, absorta, um quadro lindíssimo.

Era o interior de uma sala de luxo, repleta de formosos objectos de arte. Extraordinária composição em que se encontravam em harmonioso conjunto, a riqueza do colorido, a luz vibrante e forte de um dia primaveril, o rigor técnico dos detalhes e sobretudo a elegância e naturalidade das figuras. Ao fundo do quadro havia uma janella ampla, francamente aberta e ao longe, muito ao longe viam-se, desenhados com a rigorosa precisão da perspectiva, arvores e arbustos que projectavam no chão deliciosa sombra. Ao contemplar o formoso quadro, esqueci-me de consultar ao catalogo o nome do auctor.

<sup>16</sup> A Mensageira, Ano I, n. 3, p. 36-37, 15 de novembro de 1897.

Apreciava-o incondicionalmente, como se aprecia o que é bello, o que é digno, que é elevado. De repente resoaram a meus ouvidos palavras ásperas de censura ao quadro. Alguem dizia, bem alto, que nenhum valor encontrava na tela que me enfeitiçava cada vez mais.

D’ahi a pouco, o mesmo critico, reconheceu o festejado nome do auctor do quadro e diz entre assustado e arrependido: Ah! é de Berne-Bellecour, não tinha reparado, é esse um pintor emerito, seus quadros têm grande cotação, etc.

Volto á Exposição, dias depois, e que havia de encontrar? O mesmo critico, embevecido, absorto quasi, a contemplar a tela que dias antes tanto o erritára. E mais surprehendida fiquei quando o vi, em phrases repletas de enthusiasmo, chamar a attenção de um amigo e descrever um por um os detalhes completos do quadro que realmente só o encantou depois de reconhecida a assignatura do pintor.

Ha muito tempo que me preocupa o coração a dolorosa verdade que o Padre Antonio Vieira, ha tantos annos disse, nesta phrase suggestiva: Não basta que as cousas que se dizem sejam grandes, se quem as diz não é grande.<sup>17</sup>

A última crítica que iremos trazer a conhecimento foi realizada por ocasião da sexta Exposição Geral de Belas Artes do Rio de Janeiro. Retomando a questão da presença feminina sufocada no campo das artes plásticas, conforme comentamos ainda na introdução desse estudo, Maria Clara apresenta o assunto no decorrer de seu texto, ressaltando a importância da participação das mulheres nos salões e comenta que nesta exposição estavam presentes quatorze expositoras; ressaltamos que entre elas participava a própria Maria Clara. Contudo, a crítica é dedicada predominantemente ao artista Almeida Junior. No final do seu discurso, ela recupera a questão do julgamento de valor das obras de arte por parte dos críticos, assinalando a importância de uma crítica sensata e verdadeira.

A contribuição de Maria Clara para o campo da crítica de arte é significativa, como pudemos notar através dos exemplos apresentados. Ressaltamos que, assim como diversos críticos, em sua quase totalidade homens, conhecidos no campo artístico nacional, como Gonzaga Duque, por exemplo, Santos também conviveu e participou ativamente das exposições, dos salões e dos acontecimentos da época, nos deixando, desse modo, informações ricas que podem vir a colaborar de modo relevante com a construção da História da Crítica nacional e, também, com a Historiografia da Arte brasileira.

### **Considerações finais**

Essa pesquisa foi motivada, principalmente, pelo ensejo de dar visibilidade à produção crítica de Maria Clara no campo historiográfico das artes, tendo em vista a singularidade da produção de uma mulher voltada para a crítica de arte no período estudado. Concomitante a essa questão, existe também a ideia de fomentar uma discussão sobre a necessidade eminente de um novo olhar para a História da Arte oficial, que

---

<sup>17</sup> A Mensageira, ano I, n. 21, p. 321-323, 15 agosto de 1898.

rompa com a história silenciada de muitas mulheres e que reflita sobre os posicionamentos sociais tão responsáveis por essa invisibilidade coletiva a elas imposta<sup>18</sup>.

Se ainda hoje as mulheres continuam a enfrentar as barreiras sociais numa sociedade que se diz muitas vezes “tão evoluída”, podemos constatar quão laborioso e hostil era o ambiente institucional do entresséculos para as mulheres que rompiam com as amarras do lar e optavam por alguma área do conhecimento, como o fez Maria Clara. Foi justamente com a intenção de descobrir quem eram essas mulheres que produziam no final do século XIX no Brasil, buscando-as nas fontes primárias, principalmente nos jornais da época, que encontramos Maria Clara da Cunha Santos, uma mulher interdisciplinar, que optou não por uma área, mas produziu em diversos campos como a literatura, as artes, a música e a imprensa.

Porém, no presente estudo detivemos nossa atenção para a produção crítica de Maria Clara, voltada para o campo das artes. Tendo em conta a excepcionalidade que era uma mulher escrever sobre arte no período pesquisado e devido, também, à inviabilidade de estudo sobre a sua produção artística, mediante, até então, ao desaparecimento dos quadros por ela produzidos. Sabemos, entretanto, que Santos participou de cinco salões gerais de Belas Artes do Rio de Janeiro no período que compreende os anos de 1897 a 1901.

Até o momento, constatamos que os escritos críticos de arte de Maria Clara foram produzidos especificamente dentro da coluna de crônicas *Cartas do Rio*<sup>19</sup>, publicados na revista *A Mensageira*. Comento isso, pois acredito que seja um dado interessante a ser analisado: Maria Clara colaborou com um número muito significativo de jornais na época, porém a maior parte de suas publicações nesses jornais consistia em contos e poesias, talvez por serem gêneros mais facilmente aceitos ao serem escritos por mulheres. Outra questão interessante a se pensar é a inclusão desses comentários críticos em uma coluna de crônicas. Digo isso, considerando alguns pontos: o primeiro deles é referente à condição das escritoras dentro do sistema da época e o segundo é sobre a hierarquização dentro dos gêneros literários<sup>20</sup>.

De forma geral, podemos pensar que talvez a opção de Maria Clara por inserir críticas de artes em uma coluna de crônicas possa ter sido uma forma de passar “despercebida” em um sistema ainda opressor ao pensamento e, principalmente, ao posicionamento feminino<sup>21</sup>.

## Referências Bibliográficas

---

<sup>18</sup> CAO, Marián López Fernandez. Educar o olhar, conspirar pelo poder: gênero e criação artística. In: BARBOSA, Ana Mae; Amaral, Lilian (Orgs). *Interterritorialidade: mídias, contextos e educação*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008, p. 69-85.

<sup>19</sup> Como as pesquisas sobre o trabalho de Santos são tímidas e recentes não podemos afirmar, de forma alguma, que ela não teve comentários críticos sobre arte publicados em outros periódicos, mas a constatação até então é de que essas publicações foram feitas exclusivamente na coluna de crônicas *Cartas do Rio*.

<sup>20</sup> NEVES, Maria Alciene. *Os Brilhantes brutos de Maria Clara da Cunha Santos*. Tese (Mestrado), Programa de pós-graduação em Letras da Universidade Federal de São José del-Rei, 2009.

<sup>21</sup> WOOLF, Virgínia. *Profissões para Mulheres Artistas e Outros Artigos Feministas*. Tradução Denise Bottmann. Porto Alegre: L&PM Editores, 2012.

*A MENSAGEIRA: revista literária dedicada a mulher brasileira*, directora Presciliana Duarte de Almeida. – Edição fac-similar. São Paulo, Imprensa Oficial do Estado: Secretaria de Estado da Cultura, v. 1 e 2, 1987.

CAO, Marián López Fernandez. Educar o olhar, conspirar pelo poder: gênero e criação artística. In: BARBOSA, Ana Mae; Amaral, Lilian (Orgs). *Interterritorialidade: mídias, contextos e educação*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008, p. 69-85.

NEVES, Maria Alciene. *Os Brilhantes brutos de Maria Clara da Cunha Santos*. Tese (Mestrado), Programa de pós-graduação em Letras da Universidade Federal de São José del-Rei, 2009.

NOCHLIN, Linda. *Por que não houve grandes mulheres artistas?* São Paulo: Edições Aurora, 2016.

SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. *Profissão Artista: Pintoras e Escultoras Acadêmicas Brasileiras*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2008.

WOOLF, Virgínia. *Profissões para Mulheres Artistas e Outros Artigos Feministas*. Tradução Denise Bottmann. Porto Alegre: L&PM Editores, 2012.